REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

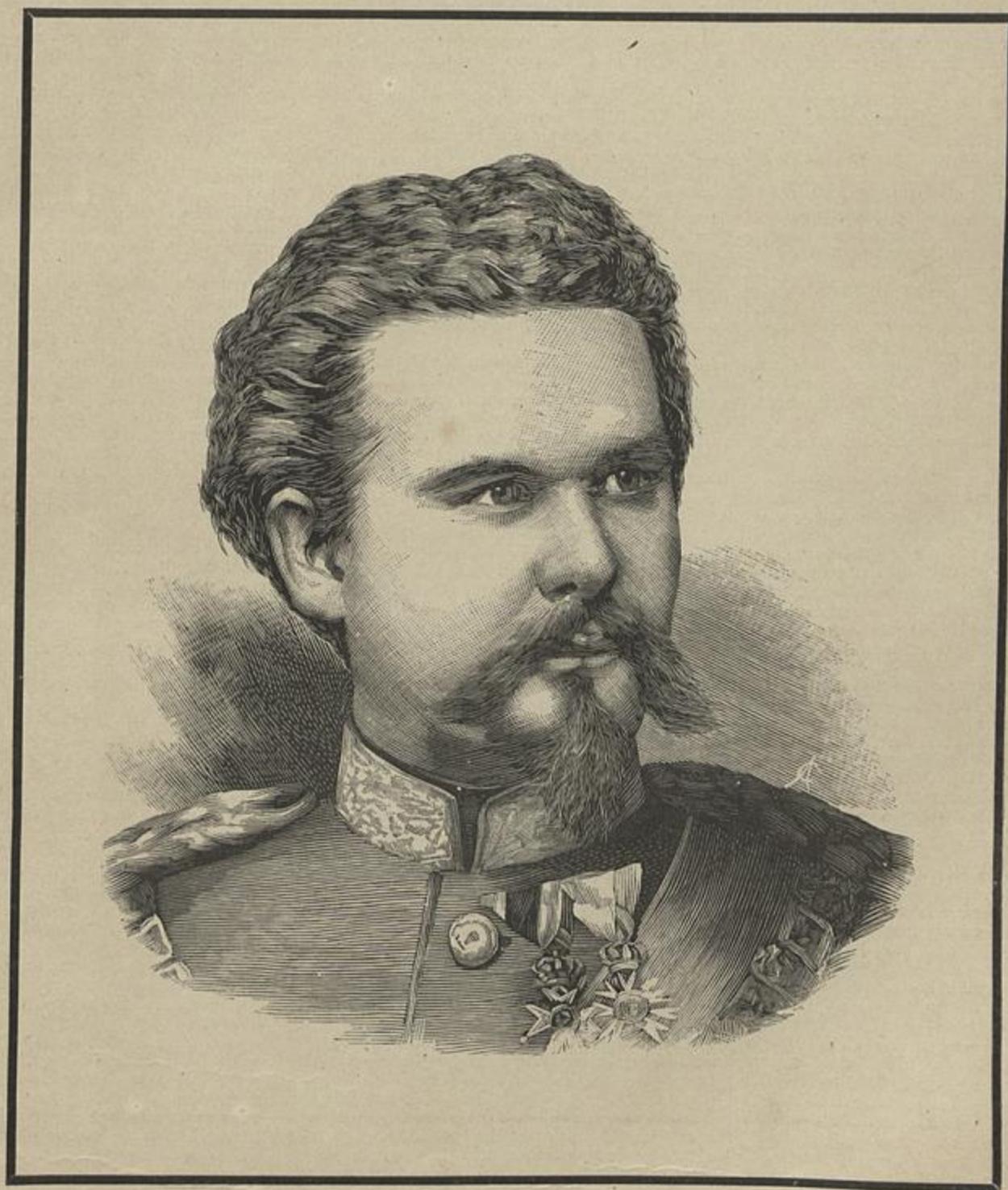
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 271

1 DE JULHO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

LUIZ II, REI DA BAVIERA — FALLECIDO EM 13 DE JUNHO DE 1886

CHRONICA OCCIDENTAL

Parece que estava escripto no immutavel livro dos destinos que não haviamos de ouvir as *Orientaes* de Alfredo Keil.

Registando na nossa ultima chronica, a correr, o *successo* alcançado pelo já illustre compositor, no concerto dedicado pela Real Academia dos Amadores de Musica a SS. AA. o principe D. Carlos e princeza D. Amelia, contavamos assistir ao segundo concerto, que a Academia planeava com as *Orientaes*, para satisfazer os pedidos de muitas pessoas que não puderam assistir ao primeiro.

Entre essas muitas pessoas que não puderam assistir á primeira audição da applaudida composição de Alfredo Keil, tivemos nós infelizmente o nosso lugar, apezar de termos lugar na sala — o que não era tão facil como isso.

O segundo concerto deu-se com egual *successo*: — a mesma enchente no salão da Trindade, os mesmos applausos a Alfredo Keil, o mesmo triumpho para a Real Academia dos Amadores de Musica, e para em tudo se parecer com o primeiro esse segundo concerto, até se pareceu em eu lá não ir.

E portanto acho-me no principio d'esta chronica exactamente na mesma situação em que me achei no final da outra — registar o *successo* das *Orientaes*, pela fama, pelo boato, e não poder emittir ácerca d'ellas a minha opinião individual, o que não importa nada ao leitor, porque essa opinião nenhum valor de auctoridade tem, mas o que me importa a mim, porque sempre detestei curar por informações.

E se em algum caso curar por informações é facil para alguem, sel-o-hia agora para mim, porque para mim Alfredo Keil não é um estranho, conheço-o de ha muito, de ha muito que avalio o seu bello talento e posso calcular do que elle é capaz.

Posso mesmo dizer que assisti ao despertar d'esse talento musical, que finalmente se poz agora em evidencia por uma obra, segundo o consenso unanime, verdadeiramente notavel.

Assisti, e que bello tempo que esse era, como todos nós eramos novos ainda, despidos de preoccupações, de desgostos, perfeitamente ignorantes ainda de toda a difficil sciencia da vida.

Eu fui o primeiro collaborador do *maestro* Alfredo Keil, eu e Gomes Leal. Essa collaboração, porém, nunca passou do quarto de Alfredo Keil na sua casa da rua nova do Almada.

E apezar d'isso durou uma semana a fio e um salame inteiro.

Era uma opereta n'um acto, era, ou antes, devia ser, a primeira obra musical de Keil. Eu fazia a prosa, Gomes Leal o verso, e o assumpto era o *Urso e o pachá* de Scribe, um *Urso e pachá* que depois foi posto em musica por uma senhora que tambem cultiva com muita vocação e muita tenacidade a musica, a sr.ª D. Amelia d'Azevedo, irmã d'um bom amigo velho, d'um collaborador muito presado pelos leitores do Occidente, o sr. Maximiliano d'Azevedo, mas que tambem nunca viu a luz da rampa.

Eu não sei se o poema que nós começámos a escrever para Alfredo Keil faria rir muito o publico, a nós fez-nos rir muito mais que todos os immortaes libretos que Meilhac e Halevy escreveram para o grande Offenbach.

E foi mesmo esse effeito hilariante que não permittiu que a obra se acabasse.

A gente ria, ria tanto que não podia escrever uma palavra, que o Keil não podia juntar tres notas.

Nunca se passou da aria d'entrada, d'uma aria para que o Keil procurava o *balanço do homem triste*. E á procura d'esse *balanço* passavamos tardes e tardes, bebendo cerveja, comendo salame e fumando cachimbo, como em casa de um bom allemão.

Depois o cavaco desvairado e imaginoso de tres rapazes de 17 annos deixava depressa todos os *Ursos e pachás* d'este mundo, galopava a toda a brida pelos campos da phantasia e adeus opereta.

N'esse tempo reinava epidemica em Lisboa a mania das imitações dramaticas. O Pedro Moreira, hoje o famigerado 103 da rua do Ouro, tinha uma fama enorme, e com a fama um talento egualmente enorme de comico curioso, e imitava, a illudir os proprios imitados, os nossos primeiros actores; o Trindade fazia fortuna pelos theatros publicos com as suas scenas d'imitações, e elle que nunca conseguiu ser ninguem na arte, era todos os artistas com um talento e uma verdade assombrosas. A gente fechava os olhos, e ouvia successivamente o Tasso, o Santos, a Emilia das Neves, o Antonio Pedro, o Theodorico, a Emilia Adelaide, o Taborda, o Braz Martins, o Izidoro, dizerem as melhores tiradas dos seus mais celebres papeis, exactamente com todas as inflexões, com todo o fogo, com todo o talento que lhes tinham valido os seus grandes *successos*. Esta mania de imitações estava tão arraigada em Lisboa n'esse tempo, que o theatro da Trindade querendo dar o *Barba Azul*, e não tendo lá então o seu celebre rei Bobeche — Izidoro, contractou o Trindade para fazer o papel em imitação, e fel-o, e não se olhando para a scena ia-se jurar aos Santos Evangelhos que era o Izidoro que estava representando o seu glorioso papel.

Pois, Gomes Leal, o grande poeta que depois havia dar tanto que falar de si pelo seu enorme talento e pelas suas extranhas phantasias, foi contagiado tambem por essa epidemia, e tinha a ingenuidade de acreditar sinceramente que imitava muito bem alguns dos nossos primeiros actores.

E n'essas tardes da collaboração do *Urso e o pachá*, quando se fechava o piano e se abriam as botijas de cerveja, o Gomes Leal começava a fazer imitações.

— Vejam lá, vou fazer uma imitação, esta é admiravel, vocês dizem logo quem é; ouçam, ouçam.

E pondo se em pé, retorcendo as guias espantadas do bigode hirsuto, com um gesto funambulesco que lhe é habitual, o Gomes Leal com os olhos muito abertos fitos no tecto, começava a declamar n'uma voz disfarçada, contrafeita:

— Meu filho, vês o que é o amor? Só a patria é digna de ser amada.

O Keil e eu olhavamos um para o outro, fazendo esforços titanicos para advinhar quem era o imitado.

— Então? Quem é? perguntava triumphante o Gomes Leal. Conhece-se logo, hein?

— Conhece, dizia eu, é o Theodorico.

— O Theodorico? repetia indignado o Gomes Leal abrindo ainda mais os olhos.

— E o Santos, emendava o Keil.

— O Santos?

— O Isidoro, atalhava eu immediatamente para salvar o fiasco do Keil.

— O Isidoro? gritava já fulo o Gomes Leal.

— O Polla, tateava o Keil.

— O Polla?

— O Antonio Pedro, balbuciava eu já timidamente.

— Qual historia! é a Emilia das Neves.

Esta declaração deitava uma certa frieza na conversação. Fazia-se um silencio compromettido, e depois fallava-se em muitas cousas, mas, conversava se, e não se tocava mais em imitações.

No dia immediato porém, o Gomes Leal voltava á carga.

— Lá vae hoje uma imitação, estas conhecem vocês logo.

E punha se em pé e declamava um bocado

— E a Emilia das Neves, diziamos logo, ao mesmo tempo, nós ambos, eu e o Keil.

O Gomes Leal enfiava e confessava então, olhando-nos desdenhosamente, que era o Polla, que nós não percebiamos nada d'aquillo.

E assim se passavam as tardes até que um bello dia cada um abalou para seu lado e o *Urso e o Pachá* ficou sósinho, no fundo do tinteiro.

Ficou e ainda bem porque ficou em incubação e d'ahi a tempo sahia d'esse tinteiro a *Suzanna*, uma pequena *operetta* que na Trindade teve uma brilhante estreia, depois a cantata *Patria* e finalmente agora *As Orientaes* que foram um ruidoso acontecimento artistico.

E agora esperemos que essas *Orientaes* se repitam para podermos avaliar por nós mesmo os progressos que Alfredo Keil fez depois da *Patria*, e para podermos ver *com os nossos proprios ouvidos*, que são os olhos para a musica, a que grandes alturas se elevou já o nosso querido maestro-collaborador do *Urso e do Pacha*.

Sei perfeitamente que os meus leitores estão a estas horas muito admirados com esta chronica, e que me accusam e com muita rasão d'uma falta imperdoavel.

Imaginavam, e imaginavam muito bem, que uma chronica de Lisboa escripta depois da abertura da segunda exposição dos productos da companhia de faianças das Caldas, devia começar por celebrar esse facto glorioso da industria portugueza e cantar hossanas a Raphael Bordallo, ao artista sublime que com o impulso do seu talento extraordinario poz as faianças portuguezas ao lado das melhores do mundo.

Sim, senhores, devia ser assim mas não é pela unica rasão, de não ter ido ainda visitar a exposição, de não ter podido cumprir ainda esse dever de chronista, dever que é tudo o que ha mais de agradavel de mais delicioso, para quem tem olhos para ver e coração para se enthusiasmar.

Sei positivamente, tenho a convicção certissima, que essa nova exposição de louça das Caldas é um deslumbramento; e já vêem que se não cumpri esse dever que importa um grande prazer artistico e um nobre enthusiasmo patriotico, é porque me tem sido completamente impossivel — não se falta assim a um deslumbramento como se falta á leitura d'um drama em 5 actos, por exemplo.

E portanto meus senhores, a exposição da louça das Caldas será o assumpto principal da minha proxima chronica, se Deus quizer, e termino não pedindo tres Ave Marias como um pregador antigo, mas tres hurrahs enthusiasticos por esse glorioso portuguez, por esse benemerito da nossa patria que se chama Raphael Bordallo Pinheiro.

Gervasio Lobato.

O REI LUIZ II, DA BAVIERA

A noticia da morte do rei da Baviera tem sido o assumpto dominante nos ultimos dias, na imprensa europea e em todas as conversações.

A morte de um rei é sempre caso falado e discutido, apezar de toda a illustração do seculo, que bem nos devia convencer que um rei é um simples mortal, tão sujeito como todos, ás leis eternas e immutaveis da natureza, mas o povo no seu tradiccional prestigio pela realeza, custa-lhe sempre a acreditar que um rei morra tão naturalmente como outro qualquer filho de Adão, e d'ahi as phantasias, as historias, tudo quanto cerca a morte de um rei, de mysterios, de talheres envenenados, de assassinos occultos, de tudo emfim que a imaginação possa crear, menos uma morte natural ou desastrosa, como tantas outras que se succedem n'esta continua evolução da materia que se chama vida e morte.

A respeito de Luiz II, que uma doença fatal parece ter conduzido ao suicidio, está-se dando o mesmo caso que já se tem dado com a morte de outros reis; o povo bavaro não quer crer que essa morte foi resultado de um suicidio, e protesta que o rei foi traiçoeiramente assassinado.

Diz-se que *vox popoli vox Dei*, mas se o rei foi assassinado é isso um segredo que morreu com a victima e com o algoz.

Ha dez annos, affirmam os medicos, que o rei Luiz denunciou os primeiros symptomas de loucura, mas essa loucura só mais tarde foi reconhecida pela insistencia com que o monarcha se entregava a certas paixões, sendo a da musica a mais dominante.

Para satisfazer esta paixão gastou o rei da Baviera sommas fabulosas, construindo inclusivamente um theatro em Beyreuth (1) para a execução especial das operas de Wagner, o seu predilecto maestro e que lhe mereceu um culto.

O rei Luiz era mais Wagner que o proprio Wagner.

Era tal o enthusiasmo egoista que tinha pelas producções do grande maestro, que as reservava para si só, fazendo-as representar e cantar pelos artistas mais notaveis, só para elle as ouvir e gosar no seu theatro onde mais ninguem assistia a taes espectaculos.

O theatro conservava a sala completamente ás escuras, e nem os proprios artistas que cantavam, podiam ver o monarcha que no fundo do seu camarote gosava de espectaculo tão singular.

Esta tendencia para o isolamento cada vez se accentuava mais, chegando a ponto de nem com os seus familiares se avistar. Os proprios ministros tinham grande difficuldade em lhe falarem e obtinham a assignatura do rei por intermedio de um unico particular que se avistava com elle.

A construcção de sumptuosos e quasi phantasticos palacios tambem devorou quantias importantes, dispendendo quanto tinha de suas rendas e empenhando-se quanto, podia a ponto de o governo bavaro ter de intervir em taes desmandos.

Não se pense, porém, que o rei Luiz II da Baviera fôra sempre um louco, e que essa loucura se o era, não tinha um ideal elevado e até sublime, só capaz de se abrigar n'uma alma de verdadeiro artista, elevando a arte, esse sentimento divino que mais aproxima a creatura do seu creador, ao culto supremo do bello, para a satisfação do que pouco importa esgotar os thesouros do mundo, que nada valem em presença d'esse outro thesouro que Deus facultou ao homem, o talento gerador das grandes producções que nos

(1) Vid. Occidente, vol. vi, pag. 7.

extasiam e arrebatam, despertando-nos mal soffrido orgulho.

Um louco, porque era um fanatico da arte; e porque não serão loucos todos os fanaticos do martyrio? Entre o ideal que procuramos, e o ideal que encontramos, não nos valerá este mais o sacrificio?

Porque não comprehendemos um, e nos fascinamos pelo outro que nos revela a immortalidade do nosso espirito, devemos taxar de loucos os que se elevam até ás regiões dos grandes espiritos, e na sua superioridade não vêem o positivismo esmagador que opprime as aspirações radiosas da alma?

Nos palacios maravilhosos que o rei Luiz mandou construir, guardam-se as mais ricas collecções e objectos d'arte, adquiridos pelo monarcha insaciavel do bello.

Foi elle que, em 1869, fundou o primeiro museu de reproducções de obras d'arte raras, e a sua idéa tem sido seguida em todas as grandes capitaes da Europa.

A arte dramatica tambem lhe merecia especial attenção, dando lhe notavel impulso, e no theatro classico francez encontrava grande satisfação para o seu espirito em Molière e Corneille.

*
* *

Se a paixão pela arte fez, nos ultimos tempos, esquecer o rei Luiz da politica, tempo houve em que esta foi attendida por elle, e as reformas liberaes que decretou em 1866, quando a Prussia e a Austria estavam em desharmonia; a sua circular dirigida aos principes allemães, convidando-os á união do grande imperio Germanico, documento notavel, e que muito concorreu para collocar na cabeça de Guilherme I a corôa imperial, dão a medida do seu valor politico.

Protestou contra a infallibilidade pontificia e contra o *Syllabus*, protegendo entretanto a seita denominada *Os velhos catholicos* fundada por Döllinger.

Mas esta actividade na politica foi nos primeiros dez annos do seu reinado.

O rei Luiz II, Othon Frederico Guilherme de Wittelsbach, conde palatino do Rhin, duque de Franconia e de Suabia, nasceu a 25 de agosto de 1845, no palacio de Nimphenburg, chamado *Torre das nymphas*. Era filho de Maximiliano II e de Maria da Prussia, e subiu ao throno bavaro a 10 de março de 1864.

O povo teve sempre por elle uma grande affeição, e se o pronunciado prussianismo do rei lhe valeu algumas censuras dos seus subditos durante a guerra da Allemanha, essas censuras desappareceram com a união do imperio Germanico.

As enormes despezas do rei, não tinham indisposto o povo contra elle, e quando essas despezas obrigaram o governo a intervir e a declaral-o demente, o povo ficou na espectativa sem se manifestar nem pró nem contra a deliberação dos ministros.

No dia 9 do mez passado reuniu o conselho de ministros sob a presidencia do principe Leopoldo, tio do rei Luiz, e accordou na necessidade da regencia; no dia seguinte a *Gazeta Geral*, de Munich, annunciou que o rei fôra, por conselho dos medicos, privado de tomar parte nos negocios do estado.

N'esse mesmo dia o *Boletim das Leis* publicou a proclamação do principe Leopoldo ao paiz, assignada por todo o ministerio, declarando que tomava conta da regencia do reino, em virtude da enfermidade do rei e do herdeiro presumptivo, o principe Othon, irmão d'el rei, estar de ha muito egualmente enfermo do mesmo mal.

Esta deliberação do governo foi communicada a Sua Magestade, que parece não a ter recebido bem, mas entretanto, no dia 12, el rei deixou o seu palacio de Hohenschwangan e foi conduzido ao castello de Berg sobre o lago de Starn-Berg, onde foi recebido pelo conde de Holnstein, o general Washington e o secretario Klug.

No dia seguinte é que teve logar a desgraçada morte do rei Luiz e do seu medico Gubben, que os telegrammas annunciaram a toda a Europa.

O rei passeiava de tarde em companhia do seu medico pelas margens do lago Starn-Berg; os creados que o seguiam tinham sido intimados a affastarem-se por ordem do rei que a communicára a Gubben, e quando o rei, tardando em recolher-se, poz em alarme o pessoal do castello que foi em sua procura, encontraram-n'o boiando sobre as aguas do lago e não muito distante o medico Gubben tambem afogado.

Retirados os cadaveres da agua, foram inuteis todos os esforços para os fazer voltar á vida, e poude-se então verificar nos seus corpos varias contusões que denunciavam ter havido lucta entre os dois, sendo o cadaver do medico o que apresentava maiores signaes d'essa lucta.

Ao seu funeral concorreram quasi todos os principes da Allemanha, e foi grande o sentimento que o povo mostrou pela perda do seu rei, que estimava apesar de todas as loucuras.

Pobre rei Luiz, que amando tudo quanto ha de bello no mundo, só não amou as mulheres, no que se não pareceu com seu avô Luiz I.

C. A.

O conselheiro João Cesario de Lacerda

Governador geral da Provincia de Cabo-Verde

I

Comecei a conhecêl-o em 1858 no condiscipulato da aula de Chimica.

E intrar a conhecêl-o foi o mesmo que intrar a estimál-o e a ter na devida conta aquelle nobre caracter, aquelle espirito sizudo e grave, que já desde os primeiros annos se lhe descortinava mesmo atravez dos folguedos, com que amenizavamos despreoccupadamente as agruras do estudo.

Lembra-me, como se fôra hoje, — e vão todavia decorridos quasi trinta annos!

Julio Maximo de Oliveira Pimentel se chamava o professor da aula, que ainda por essa occasião não tinha elle trocado o nome com que nascêra pela corôa de titular, nem sobre a sua farda de coronel se lhe debruçavam ainda os arminhos do pariato.

Julio Pimentel (como todos conheciam por essa epocha o futuro Visconde de Villa Maior e futuro Reitor da Universidade de Coimbra) professava em 1858 *Chimica mineral e organica* na Escola Polytechnica de Lisboa.

Aquelle vasto amphitheatro, que todos conhecem quantos teem atravessado similhante phase de estudos, enchia-se de alumnos quasi até á porta, mal tocava a sineta annunciando a hora de começar a prelecção.

Intravamos por alli dentro em turba multa, e occupavamos os nossos logares nas diversas bancadas.

O *Chico*, o bom *Chico*, — um guarda septuagenario e sempre jovial, que mais tarde veio tristemente a suicidar-se (não sei por que accésso de inesperado *spleen*), — o *Chico* tomava nota dos que faltavam, e proclamava-lhes os nomes affectando um ar tyrannico, rebarbativo e incorruptivel, na metade do rosto que olhava para o professor, emquanto na outra metade voltada para o rapazio a significativa expressão do *lúzio*, e a bôcca semi-desdentada e arreganhada, nos deixavam gaiatamente nutrir a esperança de por sua obsequiosa intercessão riscar se no «livro do ponto» alguma «falta» além das permittidas.

Seguia-se meio-minuto de um silencio religioso em que o lente lançava de relance um volvêr d'olhos por sobre a mesa que tinha deante de si a certificar-se de que o preparador não havia esquecido substancia alguma das que constituiam o assumpto d'aquella licção, nem tão pouco os frascos e os tubos, as retortas e os matrazes, os cadinhos, os fogareiros, e toda aquella frandulagem de petrechos e garrafaria com que na aula de Chimica se exemplifica pela experiencia a asserção scientifica do professor.

Decorrido aquelle meio-minuto, durante o qual até podiam sentir-se as moscas zumbir, — como se n'esses trinta segundos de irreprehensivel seriedade pretendessemos estabelecer uma attenuante para a irrequieta desinvoltura a que nos acostumáramos, — Julio Pimentel quebrava o silencio e começava a prelecção.

Simultaneamente João de Lacerda e eu, que tomavamos assento na primeira bancada ao lado esquerdo (conforme nos ordenavam os numeros 5 e 6 que tinhamos da matricula), João de Lacerda e eu, sentados á ilharga um do outro e commodamente debruçados sobre a varandinha de ferro que nos corria semi-circularmente em frente de nós, inauguravamos tambem por nosso turno uma palestra animada que só incontrava motivo para interromper se quando a sineta da aula nos vinha alegremente annunciar com seus retinidos metallicos o cerrar da prelecção.

Emquanto o professor se extraviava n'aquelle impossivel *imbroglio* dos sulphatos e dos chloretos («chloruretos», como então se dizia), querendo á viva força impingir-nos na memoria a collecção completa de quanto reagente mais ou menos estapafurdio os chimicos haviam para desespero nosso inventado, — João de Lacerda e eu discutiamos litteratura e theatro, discutiamos o *cognac* do *Café Suisso* e os saborosos pasteis-de-crême que a «menina Gertrudes» nos vendia com ar gracioso e risonho em frente mesmo da Escola na celebre «loja da *Hamburgueza*»; discutiamos a maneira de surripiar sem sermos vistos umas camellias lindissimas côr-de-rosa, que um dos guardas — o impertigado Cabral — soffregamente cultivava lá n'um cantinho da cêrca com particularissimo carinho; discutiamos emfim tudo quanto nos occorresse, desde a figura comica do preparador até aos olhares terriveis que de quando em quando o lente nos despedia lá da sua cathedra, se o enthusiasmo que denunciavamos na palestra ameaçava tornar-se ultra-escandaloso!

Discutiamos tudo, repito e confirmo, tudo quanto não fosse lembrar momentos siquer que estavamos assistindo a uma prelecção de Chimica.

Assim curtiamos aquellas horas de infado.

E... venham cá hoje perguntar-nos se as conferencias do lente eram brilhantissimas.

Perdôe-nos a veneranda memoria do illustre professor ao confessarmos contrictos o irreverente indifferentismo com que assistiamos ao injoativo desfilar dos carbonatos e seus congeneres.

Julio Pimentel, já habituado áquella sessão permanente que entretinhamos o meu companheiro e eu, e que inauguráramos logo no primeiro dia, acabou por não extranhar o palratorio continuo em que nos bispava; — e só (conforme já fiz notar) alguma vez por acaso nos dardejava os seus olhares olympicos, se o escandalo da nossa ininterrupta palestra apresentava indicios de ultrapassar as raias do supportavel.

Então... como que nos incolhiamos e sopeavamos o phrenetico enthusiasmo d'aquelle palrar.

Acalmava-se o furor d'aquella procella sob o volver d'olhos meio-indignado, com que Julio Pimentel nos fulminava fazendo lembrar o celebre *quos ego*... virgiliano.

A nossa discussão assumia momentaneamente feições *menos* parlamentares, reduzida apenas a um fremito que adejasse pela atmosphera como o zumbir de duas abelhas.

Mas de pouco servia este provisorio proposito de emenda, porque em breve estava esquecida a advertencia do mestre, e os dois condiscipulos volviam á mesma incorrigiveis, impenitentes e relapsos.

Porfim o lente convenceu-se da inefficacia das suas prevenções, e nem siquer já parecia reparar no alvoroço constante que tornava saliente aquelle cantinho do amphitheatro, — porquanto a pouco e pouco foi a nossa *academia* (era assim que lhe chamavamos) constituindo-se nucleo e aggremiando os alumnos dos logares contiguos, a ponto de que ás vezes era uma inferneira que nem já sei como o professor se intendia.

Dois ou tres mezes mais que durasse o curso, teriamos nós ambos — os cabeças de motim — aggremiado em torno do nucleo central os estudantes todos da aula, exemplo comparativo que Julio Pimentel poderia adduzir em seguida para bem fazer comprehender aos seus discipulos como se constitue a molecula e molecula um crystal gigantesco!

E no fim de tudo (confessemol-o aqui) tão bom foi para comnosco o professor que podendo (se tivera alma pequena e mesquinha de que tantos outros chegam mesmo a fazer alarde), podendo pedir-nos contas d'aquella travessura no exame final, Julio Pimentel quando presidiu á votação n'esse acto solemne, em que teve por vogaes do jury os professores José Alexandre Rodrigues e Joaquim Antonio da Silva (sobre cujas memorias se desdobra já tambem a sombra dos cyprestes), Julio Pimentel approvou-nos a ambos com classificação de «distinctos».

Sinto deveras saudades d'aquellas palestras.

Liamos alli romances ou poemas.

Escreviamos versos.

Criticavamos prosas.

Projectavamos dramas e comedias.

Apreciavamos em commum as bellezas de Garrett.

Faziamos a analyse comparativa de Victor Hugo e de Lamartine.

João de Lacerda imprestára-me um poema de Costa e Silva: *Emilia e Leonido* se chama elle (se a memoria me não ingana), *Emilia e Leonido ou os amantes suevos*.

Tive a audacia de escrever uma analyse critica do poema, e João de Lacerda a coragem de a lêr e os brios de a contestar.

D'aqui travou-se longa polemica.

João de Lacerda confiou-me em segredo, muito em segredo, uns derradeiros versos que conservava dos que escrevêra outr'ora nos tempos do collegio.

Salvára aquelle resto de um auto-de-fé em que

sacrificára todos os outros, e disse-me que estava no firme proposito de nunca mais poetar.

Era uma composição dedicada a um collegial, seu antigo condiscipulo, na occasião d'este partir para a Beira em certa epocha de ferias.

«*Saudade*» se intitulavam os versos, creio eu,— versos de nove syllabas por tal signal.

O collegial, a quem na despedida haviam sido offerecidos, dizia o João de Lacerda que se chamava Osorio de Vasconcellos.

O que nós discutimos por causa d'aquelles versos! — discussão oral e discussão por escripto!...

Eu louvei-lh'os quanto pude, e achei-os optimos.

Elle não os achava maus, mas tinha feito um solemne protesto de que seriam os ultimos.

Eu apertava com elle induzindo-o a quebrar o protesto.

Deixou-se vencer das minhas perseverantes solicitações, e volveu a namorar as musas.

Primeiro explorou o campo da facecia.

Fez versos ao nariz do preparador, epigrammas ao abdomen burlesco do porteiro (um tal Bernardino Froes que imbirrava comnosco por irmos durante os intervallos das aulas jogar inoffensivamente a malha na cêrca da Escola); satyrizou os cadinhos e as retortas; compoz um poemeto de versos endecasylabos onde se achava retratada picarescamente a galeria toda dos nossos condiscipulos.

N'isto appareceu a matricular-se na Escola o tal Osorio, que eu não conhecia senão dos versos, e que annos depois, terminado brilhantemente o seu tirocinio escolar do curso de ingenharia, tão conhecido devia tornar-se no mundo das lettras e no campo da politica.

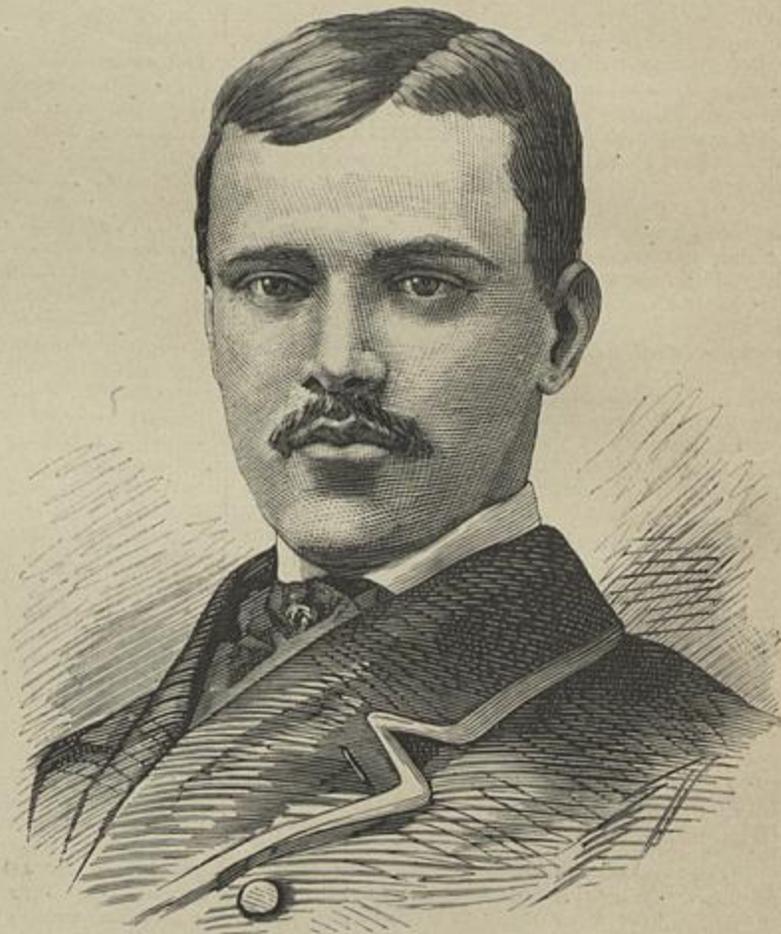
Associámol-o ao nosso *club;* prestou-nos o peculio dos seus livros.

João de Lacerda e eu possuiamos entre ambos uma bibliotheca em commum, cujo fundo era constituido pelas obras de Garrett e de Herculano, — os nossos dois oraculos.

Osorio de Vasconcellos trouxe-nos d'entre os seus livros um terceiro oraculo — Castilho.

Um filho d'este, o primogenito, que já n'aquelle tempo de estudante cultivava as musas com invejavel esmero, e que herdou depois de seu pae o titulo de Visconde de Castilho (com que o marechal Duque de Saldanha em 1869 agraciou o cego sublime, o incomparavel interprete de Ovidio e de Virgilio, de Anacreonte e de Molière) — Julio de Castilho cursava por essa epocha as aulas da Polytechnica, e com elle travámos tambem relações, que ainda hoje duram, da mais estreita, da mais fraternal amizade.

Outro, que tambem pouco mais ou menos por esse tempo se nos veio associar, foi Pinheiro Chagas.

Andava elle então frequentando as aulas do primeiro anno mathematico, e (santo Deus!...) cabulando, cabulando por uma forma tal que ninguem lhe agoirava um resultado feliz.

Quem diria effectivamente que a imberbe creança passaria nunca do modesto alferes que então era?

Assignava-se elle por essa occasião Manuel Joaquim Pinheiro das Chagas, — nome com que tinha sentado praça no regimento 16 de infanteria.

Quando introu officialmente no mundo das lettras sob a protecção de Antonio Feliciano de Castilho, o noviço julgou elegante reduzir as proporções do nome, e começou por supprimir o *Joaquim*, ficando tão sómente — Manuel Pinheiro das Chagas.

Depois, ainda a titulo de simplificação, tratou de supprimir o *das*, passando a assignar-se:

Manuel Pinheiro Chagas.

Por ultimo, conservou apenas do nome proprio a inicial.

E no frontispicio dos numerosos livros, que por ahi correm hoje elaborados pelo seu fino talento, o leitor costumou-se a incontrar simplesmente:

M. Pinheiro Chagas.

Com Pinheiro Chagas e apoz elle, reuniram-se-nos successivamente varios outros condiscipulos que por suas tendencias litterarias propendiam instinctivamente para nós.

A este numero pertenceram João Tedeschi (hoje 2.º official na Secretaria dos Negocios Extrangeiros), o major Alfredo May (professor de Geographia e de Historia no Real Collegio Militar), o major Francisco Adolpho Celestino Soares (reformado em verdes annos, por um tristissimo accidente que o deixou mutilado), o major José de Jesus Coelho (que na ilha de S. Thomé veio inesperadamente a fallecer quando desimpenhava uma commissão importante de serviço colonial), o major João Carlos Rodrigues da Costa (assaz conhecido nas lides do jornalismo e do parlamento), assim como varios outros, que todos mais ou menos lograram depois illustrar o seu nome na vida prática, já no campo das sciencias, já no da litteratura, já simultaneamente em ambos.

A *academia* navegava portanto em maré de rosas.

Nós, os *litteratos*, eramos mal vistos pelos *sabios*, pelos *applicados*. Os estudantes, que se não associavam ao nosso grupo, miravam-nos com altivo desdem. Nós pagavamos-lhes na mesma moeda, e assim nos consideravamos triumphantemente desforrados.

(Continúa) *Xavier da Cunha.*

EXPULSÃO DOS PRINCIPES DE FRANÇA

PRINCIPE JERONYMO NAPOLEÃO

PRINCIPE VICTOR NAPOLEÃO

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPULSÃO DOS PRINCIPES DE FRANÇA

Jeronymo Napoleão e Victor Napoleão

A nova lei votada pelo parlamento francez, da expulsão dos principes descendentes das monarchias desthronadas da França, abrangeu alem da familia d'Orleans, de que tratamos em o numero antecedente, a familia Napoleão, representada hoje pelos principes Jeronymo Napoleão filho do rei Jeronymo de Westphalia, e Victor Napoleão, filho d'aquelle e neto d'este.

O principe Jeronymo Napoleão não se póde dizer que tenha tido uma grande importancia politica no seu paiz, entretanto é hoje o chefe do

partido Bonapartista, e porventura a esperança d'este partido que difficilmente poderá triumphar em França.

A sua expulsão póde considerar-se que foi *por tabella*, porque não é precisamente elle o alvo onde o governo da republica atira, o que não quer dizer que não lhe tenha já atirado directamente, dando-lhe as honras de martyr em 1883, ao encerral-o na Conciergerie, em virtude de um manifesto mais exaltado que elle fez á França, quando o partido Bonapartista pronunciou as suas sympathias pelo principe Victor.

Este facto da sua vida politica é incontestavelmente o mais importante, e só a republica seria capaz de lhe dar essa celebridade aos 60 annos, celebridade que nem o seu proprio partido lhe conferia, apesar de todos os esforços do pretendente.

O facto de hoje vem lhe dar uma nova palma de martyrio, que deve estar mais crescida depois de tres annos a grelar, e se d'esta vez o principe Jeronymo não alcança o que deseja, não será culpa da republica que bem puxa por elle e o põe em evidencia perante a Europa.

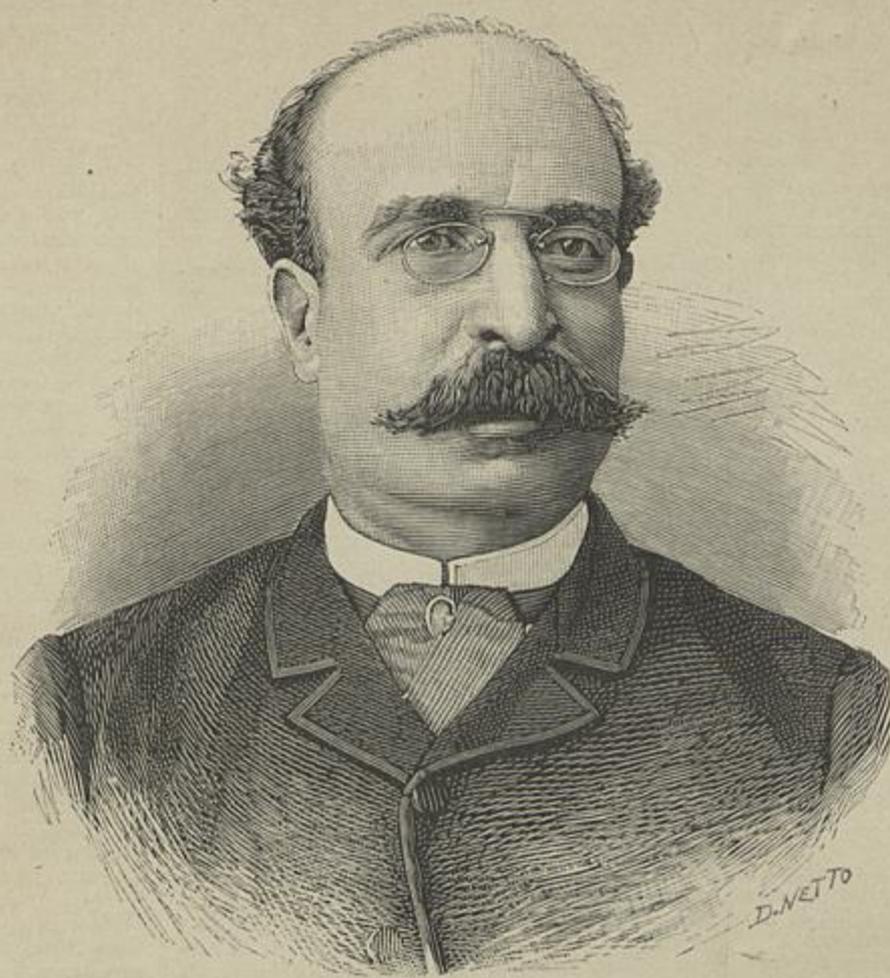
Elle pela sua parte deve estar satisfeito, porque «vale mais tarde do que nunca» e agora poderá exclamar: — Eu tambem sou perseguido!

O principe Jeronymo conta hoje 64 annos, pois nasceu em 1822 em Trieste. De tantos protestos e discursos proferidos contra a republica, nenhum lhe valeu a expulsão que n'este momento o põe a caminho de Roma.

O seu filho Victor Napoleão que desde 1883 ficou em guerra com o pae, tem concorrido em grande parte para enfraquecer o partido Bonapartista, pela divisão do proprio partido que se pronuncia, uma parte por elle e outra por seu pae.

A reconciliação dos dois pretendentes tem sido objecto de grandes diligencias por parte dos Bonapartistas, mas sem resultado, porque o principe Victor é o mais intransigente.

Nasceu em 18 de julho de 1862 e conta portanto, 24 annos, pelo que se vê que começa mais cedo para elle a celebridade.

O principe Victor Napoleão, retirou-se, por emquanto, para Bruxellas, mas não se sabe se alli permanecerá por muito tempo.

CONSELHEIRO JOÃO CESARIO DE LACERDA — NOVO GOVERNADOR GERAL DE CABO VERDE

(Segundo uma photographia de Rocha & C.ª)

O TRANSPORTE INDIA NA EXPERIENCIA DAS CALDEIRAS

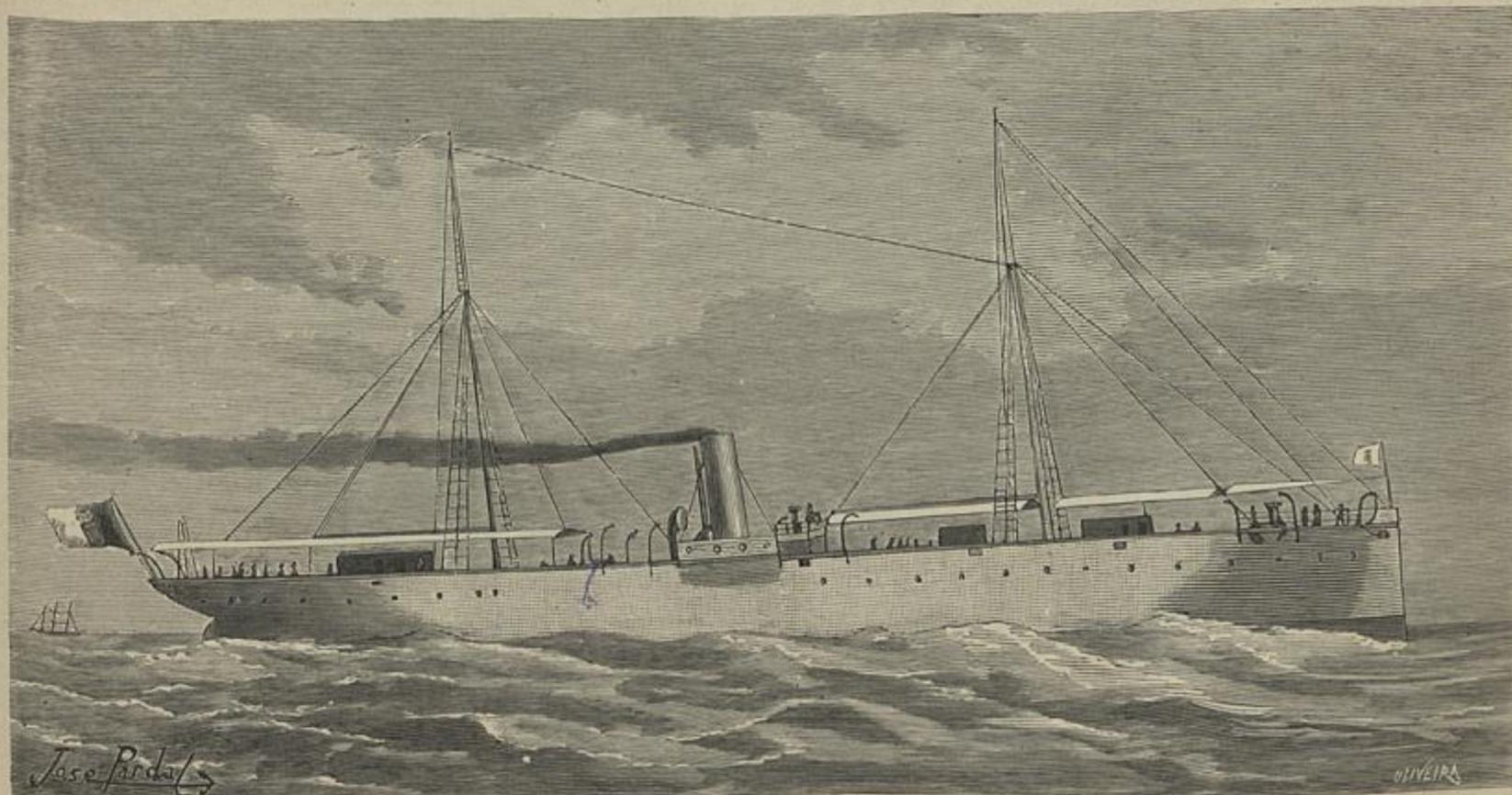
Alegra-nos sempre que temos que registrar algum facto honroso para a industria portugueza, porque isso importa um progresso moral e material para o nosso paiz.

A experiencia das caldeiras e da machina do transporte de guerra *India*, realisada no dia 14 do mez passado, é um d'esses factos gloriosos da nossa industria, pelo bello resultado que deu.

As caldeiras foram construidas nas officinas dos srs. L. Dauphinet & V. Castay, e a machina completamente reformada nas officinas da *Empreza Industrial Portugueza*, sendo as obras de madeira feitas no estaleiro do sr. Sampaio.

Não são estas as primeiras caldeiras feitas nas officinas dos srs. Dauphinet & Castay, mas são porventura as mais notaveis pelos aperfeiçoamentos que aquelles industriaes lhes introduziram.

As caldeiras são tubolares conforme o systema moderno, e as suas paredes que estão em contacto com o fogo tem mais 1/8 de grossura de ferro que as exteriores. É este um dos melhoramentos mais importantes que se observam na sua construcção.

A machina, que é das primeiras que se construiram do systema *Compound* com aperfeiçoamentos de Woolf, e da força de 700 cavallos, foi toda passada e muitas das suas peças feitas de novo, sob a direcção do sr. Mauricio de Oliveira Martins, director tão intelligente quanto mo-

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O TRANSPORTE «INDIA», NA EXPERIENCIA DAS CALDEIRAS, EM 14 DE JUNHO DE 1886

(Desenho pelo artista amador sr. José Pardal)

desto das officinas da *Empreza Industrial Portugueza*.

Os trabalhos de madeira no navio foram dirigidos pelos srs. Antonio Cassiano Marques, subchefe da 2.ª direcção do Arsenal da Marinha e engenheiro chefe de 1.ª classe, e Augusto Arthur Lebeque, engenheiro naval de 1.ª classe.

A construcção das caldeiras e obras da machina presidiu, como fiscal do governo, o sr. Antonio Maria Martins, engenheiro machinista de 1.ª classe.

O bom resultado d'estes trabalhos, veio provar que não ha razão plausivel, de hoje em diante, salvo casos excepcionaes, para mandar fazer fóra do paiz estas reconstrucções ou concertos que até aqui se davam ao estrangeiro, e revela ainda a possibilidade de se poderem fazer construcções completas d'este genero, o que seria de uma indiscutivel vantagem moral e economica para Portugal.

Para a experiencia foram convidados varios engenheiros e funccionarios publicos, assim como a imprensa periodica.

Um vapor, atracado á Ponte dos Vapores Lisbonenses, esperava as pessoas convidadas para as conduzir a bordo do *India*. Cerca das 11 horas da manhã largou o vapor da ponte e pouco depois largava o *India* da amarração, pondo-se em marcha n'um andamento de 9 1/2 milhas.

O dia estava formoso e o Tejo, ainda que um tanto agitado pelo vento fresco do norte, não incommodava o navio que seguiu impavido até ao pharol da Guia, voltando pela barra do sul até á frente da Cruz Quebrada, onde deitou ferro.

Foi então servido aos convidados um *lunch* offerecido pelos constructores, no qual se trocaram enthusiasticos brindes, á familia real, á engenheria e á industria portugueza, aos constructores, ao sr. ministro da marinha e á marinha nacional, etc.

Ás 8 horas da noite regressaram os convidados a terra, agradavelmente impressionados por esta significativa festa da industria portugueza, de tão bom augurio para novos emprehendimentos.

Aqui agradecemos o convite com que fomos brindados, agradecendo tambem ao nosso distincto collaborador officioso, o sr. José Pardal, o bello desenho, com que nos brindou, do transporte *India* na sua pequena viagem de experiencia.

TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAES DO PINTOR ANNUNCIAÇÃO

No dia 23 do mez passado realisou se no Cemiterio Oriental a trasladação dos restos mortaes do pintor animalista Annunciação, que falleceu em 1879 (1), para o tumulo mandado fazer por uma commissão composta de amigos e admiradores d'aquelle artista, que para esse fim abriram uma subscripção publica.

Essa commissão, presidida pelo sr. conde de Almedina, inspector da Academia de Bellas Artes de Lisboa, tem por vice-presidente o sr. visconde de Castilho, e por secretario o sr. Antonio de Sousa Vasconcellos.

O tumulo, como se pode ver no desenho da nossa 8.ª pagina, é de uma forma severa, mas elegante, e foi delineado pelo professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa o sr. José Antonio Gaspar, e o medalhão em bronze, do busto de Annunciação, feito pelo esculptor e tambem professor da Academia sr. José Simões de Almeida Junior, que mais uma vez nos apresenta uma obra digna de menção.

Da subscripção aberta para a construcção d'este pequeno monumento funebre, justo preito de admiração pelo notavel pintor, sobraram 643$618 rs., os quaes foram entregues ao governo, para com o seu juro se estabelecer um premio annual, denominado *Premio Annunciação*, para o alumno da Academia de Bellas Artes de Lisboa que mais se distinguir na pintura de animaes.

A ceremonia da trasladação, feita a expensas do sr. José Gregorio da Silva Barbosa, um dos mais dedicados amigos e admirador do finado, assistiram os srs.: Antonio Thomaz da Fonseca, director da Academia; Visconde de Castilho; Sousa e Vasconcellos; Melicio, secretario da Academia; professores Chaves, Alberto Nunes, Victor Bastos, Monteiro, Silva Porto, Gaspar e Antonio Nunes; Leonel, Felix da Costa, Thomazini, Gyrão, Malhoa, Greno, Pereira Junior, Keil, Avila, Barbosa, Joaquim Ventura Pereira, etc.

Antes da trasladação houve uma missa resada, e ao encerrarem se no tumulo os restos de Annunciação pronunciaram sentidos e eloquentes discursos os srs. visconde de Castilho e Thomaz da Fonseca.

No mesmo tumulo repousam os cadaveres de duas irmãs do artista.

(1) V. OCCIDENTE, vol. II, pag. 57 e 58.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XI

Um caso de mumificação — o trabalho dos insectos na mumificação. Importancia das observações entomologicas. As mumias do Egypto e a caverna dos crocodilos.

O professor da Escola de Medicina de Nantes, o sr. Audouard, apresentou recentemente á Academia de Medicina de Paris uma memoria *sobre a mumificação de um adulto ao ar livre, na temperatura ordinaria.*

Trata-se do cadaver de uma rapariga, Luiza D., de idade de 20 annos, assassinada em agosto de 1884, tendo sido conservado mais de um anno n'um subterraneo, onde foi descoberto sob uma camada de palha. O cadaver acha-se perfeitamente mumificado. O dr. Brouardel, encarregado pela Academia de relatar sobre a memoria do dr. Audouard, apresenta á Academia uma perna da assassinada. Esse fragmento é excessivamente leve, pois apenas pesa 860 grammas, em vez de 2750 grammas, peso ordinario de uma perna de mulher. A pelle apresenta-se enrugada, escura, rigida e sonora ao tacto como papelão. Quando se aperta nas mãos apresenta a sensação de um estofo de *algodão em rama*, interposto entre a pelle e os ossos. Por baixo não existe nem tecido muscular, nem vasos, e, apenas em seu logar ha uma substancia fibrillar, extremamente tenue, impregnada de substancia finissima e abundante, a qual observada pelo microscopio apresenta fibrillas e laminas do tecido cellular, algumas redes de nervos e fibras musculares, que saíram incolumes da voracidade dos *roedores microscopicos*. O sr. Megnin examinando o pó interposto entre essas delgadissimas fibras, verificou que era inteiramente constituido pelos cadaveres de numerosissimos acaros de varias idades, por involucros de ovos e pelas dejecções. Entre esses — *travailleurs de la mort*, como lhes chama um jornal francez que relata o facto — o sr. Megnin reconheceu cinco especies de insectos, e entre ellas uma nova. Os *acaros* devoraram as materias organicas, com excepção do *cheileta*, que se nutre de acaros, e que provavelmente fôra attraido pela presença dos *tyrogliphus*, insectos de que elle se sustenta habitualmente. Quanto á presença d'esses insectos é provavel que tenha origem na palha, que cobria a assassinada, porque elles existem numerosos nas forragens e nas plantas seccas. São elles os agentes da transformação das substancias organicas mortas, são elles que as reduzem a *terra*. O sr. Megnin affirma que, se o cadaver da pobre Luiza não tivesse sido descoberto, esses *transformadores* ter-lhe-iam deixado os ossos despidos quasi completamente. Fundamenta a asserção o entomologista francez, no facto de que os acaros, quando o cadaver foi descoberto, estavam em plena actividade, o que prova a ausencia da metamorphose hypopiale, o que nunca succede quando os acaros não teem de que sustentar-se.

A respeito d'este facto ajuntam os relatores notaveis declarações. E sensatamente pretendem encarecer a importancia das investigações entomologicas em medicina legal. Como documento citam um exemplo de mumificação de um recemnascido, o qual pesava apenas a 5.ª parte do peso normal, tendo os insectos devorado a maior parte do que faltava. Os srs. Perier e Megnin determinaram as especies de insectos que tinham realisado a mumificação.

Eis o que acontece a um cadaver exposto ao ar livre, segundo o sr. Megnin. O cadaver é immediatamente invadido por quantidade de insectos, que n'elle depositam os ovos, tanto na superficie, como nas aberturas naturaes. As larvas, que sahem d'esses ovos, penetram o cadaver em todos os sentidos, alimentando se dos seus humores e activando lhe assim a decomposição. É este o modo de operar dos *dipteros* da ordem dos sarcophagos e alguns coleopteros. As larvas dos dipteros e dos coleopteros são bastantes para absorverem quasi inteiramente os humores liquidos do cadaver e reduzil-o quasi ao estado de esqueleto imbebido de acido gordo, materia conhecida em França pelo nome de *gras de cadavre*, e em Portugal pelo de oleo humano.

É precisamente n'esse momento que chegam as larvas dos *dermestes*, as quaes fazem desapparecer até aos ultimos vestigios das materias gordas. Terminada a acção dos *dermestes* e os cadaveres reduzidos ao estado de mumia, as partes organicas seccas, taes como tendões, pelle, musculos, são atacados pelos *anthrenas glyphus e glyciphagus*, que então apparecem aos mil e fazem desapparecer tudo quanto resta do cadaver. O pó que recobre os cadaveres, isto é, essa poeira que envolve as ossadas, é a mistura dos despojos d'esses insectos, das suas nymphas hypopiaes e dos seus dejectos.

O dr. Brouardel aproveitou os esclarecimentos fornecidos pela entomologia para provar, no celebre processo de Euphraria Mercier, que a terra do jardim não poderia ter sido revolvida ha dois annos, porque as *formigas pretas* tinham feito o seu habitaculo n'esse terreno e porque por cima dos restos do cadaver havia bolbos de açucena alterados. Ora essa alteração era devida á presença de acaros que se alimentam de liliaceas e cujas numerosas gerações deveriam succeder-se durante um periodo não inferior a 2 annos para pôrem as açucenas de Euphraria Mercier n'aquelle estado.

A esta relação dos jornaes francezes ha muito a ajuntar, não só para esclarecimento dos leitores relativamente ao facto, mas ainda emquanto á importancia d'esse facto na historia.

Para preservar os cadaveres da putrefacção, que desorganisa desordenadamente os tecidos, usavam na antiguidade varios povos, e ainda hoje usamos, de varios meios.

Os Egypcios, de todos os povos antigos o mais notavel pela superioridade da sua civilisação, tiveram o maior cuidado em preservarem os cadaveres. Tinham elles como necessaria a conservação indefinida dos corpos, e a sua attenção era extrema. Tiravam ao cadaver todos as materias gordas, quer por meio da acção prolongada do natrum, ou fazendo dissolver as visceras n'um liquido caustico. O corpo era lavado e secco na areia ou em estufa. Um verniz conservador revestia o corpo, cujo interior era occupado por materias aromaticas, proprias a afastar os insectos. Usava-se tambem mergulhar os corpos em bitume. A este respeito lembramos ao leitor o formosissimo conto de Edgar Poe: *Conversação com uma mumia.*

Mas não eram estes os unicos meios de que os egypcios se serviam para conservar os corpos, que ainda hoje se encontram sem o mais pequeno signal de mutilação. Tinham cavernas, onde as condições atmosphericas permittiam aos cadaveres serem mumificados por esses *travailleurs de la mort*, de que agora fallam os jornaes francezes e os relatorios das Academias. Que as condições hygrometricas e thermometricas do ar e do terreno tiveram enorme influencia sobre a conservação das mumias egypcias, não ha negal-o.

De tempos mais modernos ha noticia de cavernas, onde os corpos se dessecavam sem que a putrefacção se manifestasse. Muitos d'estes corpos deram enorme contingente para o estulto kalendario de santos, lista de nomes tradicional, formada sem criterio. Perde tanto mais a egreja com essa ingloria e improvavel lista de bemaventurados, martyres, beatos e archanjos, quanto ganharia em respeitabilidade com a commemoração dos homens uteis, dos verdadeiros benemeritos da humanidade. Assim affirmaria factos e não daria em irrisão ao mundo pensador a ridicula menção das *onze mil virgens* ou da degollação dos santos innocentes, ou ainda patranha de maior vulto.

Fechando este artigo não deixaremos de mencionar o que Maxime du Camp nos diz na relação da viagem que fez ao Egypto e á Nubia, com respeito ás famosas grutas de Samun ou dos crocodilos. São immensos subterraneos situados no alto Egypto, proximo de Monfalut. Esses subterraneos, diz A. Badin, estão cheios de incalculavel quantidade de mumias humanas e de mumias de quadrupedes, de aves, de reptis, etc. O que mais abunda são os crocodilos embalsamados, e isto é a causa do nome pelo qual são conhecidas essas grutas. Julga se que essas mumias proveem da cidade antiga substituida por Monfalut e da grande Hermopolis, ambas situadas na margem esquerda do Nilo. A entrada d'essas grutas é uma cova á flôr da terra, de um metro de largura e de tres metros de profundidade. Entrado n'aquella profundidade, o viajante arrasta-se n'um corredor estreito e tortuoso, cujo solo é de areia fina que empoeira o ambiente e torna, por isso, a respiração difficil. A obscuridade é completa, e o estreito recinto é apenas illuminado pelo clarão das lanternas.

Depois de penivel viagem atravez de extraordinarios accidentes de terreno, das paredes e do tecto, que se abaixa e alteia caprichosamente, o explorador chega a um vasto recinto, cujo fundo

é formado por grandes pedras, collocadas umas junto das outras.

«Quando se erguem os olhos, diz Maxime du Camp, vê-se um horrivel espectaculo. Um cadaver, ainda com a pelle, está assentado sobre uma grande pedra arredondada; é hediondo. Os braços levantados, dão lhe a attitude do homem que se espreguiça ao acordar e a cabeça deitada para traz e convulsionada pela horrivel agonia, curvou-lhe o pescoço magro e completamente secco. O corpo está como que arrepanhado, os olhos desmesuradamente grandes nas enormes orbitas, a barba crispada por esforço extraordinario, a bocca torta e entre-aberta, como que por um grito supremo, os cabellos hirtos no craneo; tudo isto junto ás feições transtornadas pelo mais espantoso soffrimento, tornam esse cadaver um espectaculo horroroso. — Faz medo, diz Maxime du Camp, involuntariamente cada um pensa em si. As mãos do cadaver enterram as unhas na propria carne; o tronco está fendido e vê-se-lhe os pulmões seccos e a trachea arteria. Quando se lhe bate no ventre, ouve-se o som como o de um tambor, cuja pelle arrebentou.

«Esse homem cheio de vida quando a morte o ceifou, perdera-se sem duvida nos corredores tenebrosos e a lanterna, que lhe era guia, acabou por extinguir se e foi em vão que procurou a sahida, dando os gritos do desespero que ninguem poderia ouvir. A fome, a sede, a fadiga e o medo de veriam tornal o louco. Assentou-se então n'aquella pedra, entregue ao atrocissimo tormento que só acabou com a morte. A humidade quente, as axhalações bituminosas penetraram-lhe na pelle e tanto que ella tornou-se negra, curtida e tão duradoura como a de uma mumia». Quando Maxime du Camp, visitou esse recinto, havia 8 annos que aquelle cadaver ali jazia.

Deixando essa morada de lugubre memoria, toma se á esquerda por um corredor cuja abobada e paredes estão ennegrecidas pelos vapores bituminosos. Ahi é facil caminhar de pé, não obstante a grande quantidade de morcegos, que attrahidos pela luz, assaltam o explorador com grande ruido de azas, impedindo-lhe por vezes o caminhar. Em seguida chega se ao logar mais interessante das grutas. O terreno, onde os pés se enterram compõe-se de restos de mumias e de fachas. A cada passo levanta-se poeira negra, acre, nauseabunda e amarga, como um composto de fuligem e de aloés. As galerias estão pejadas de enorme quantidade de crocodilos, grandes, pequenos, barrigudos, pretos e gigantescos. Ao lado d'estes crocodilos ha numerosas mumias de todas as especies, mumias humanas e mumias de animaes, juxtapostas e sobrepostas por leitos, que separam camadas de folhas de palmeira, admiravelmente conservadas. As mumias humanas cuidadosamente enfaixadas em tiras de linho são na maioria dos casos apertadas entre duas taboas de sycomoro.

João de Mendonça.

Soror Ignez Maria da Conceição e Soror Guiomar da Cruz

Intrigas conventuaes. Diplomacia de abbadeças. Estylo freiratico. Sotainas por detraz dos véos.

1668 — 1715

(Concluido do n.º 270)

A verdadeira comedia começa agora. Apenas as duas freiras se viram de posse do que tanto pareciam ambicionar, começaram-lhe logo os escrupulos ácerca da genuina interpretação do Breve que as auctorisára a professar, dispensando-as do anno de noviciado que já traziam do convento da Esperança, o que pôz em alvorôço as duas abbadeças e os seus respectivos confessores, decidindo se afinal que podiam professar, o que a madre Guiomar, que passou a chamar-se Maria, *fez com alguma tibieza*, affirma a chronica, e a pobre madre Ignez, chrismada em Maria Francisca, em attenção á rainha, praticou mais resolutamente, *pedindo para ir servir na cosinha, porque, para obedecer e servir é que ella vinha!*

São curiosos os episodios que se seguiram á profissão das duas amigas, e vamos succintamente narral-os para que se veja como estas duas almas andavam em continuos sobresaltos, *arrependidas já do que haviam procurado e feito com tanto estrondo de devoção*, escreveu o auctor da *Historia da fundação do real convento do Santo Crucifixo*, aliás suspeito, por ser obra de encommenda esta em que se arvora em juiz das duas dissidentes.

Não era a madre abbadeça do convento da Esperança mulher para perder uma batalha sem pretender desforrar-se, para isso logrou introduzir no acampamento inimigo uma supposta irmã conversa, portadora de cartas para as duas fugitivas, que produziram o seu natural effeito, porque, passados apenas tres dias procuraram a madre superiora, *expondo-lhe que estavam muito afflictas em suas consciencias, porque se lhes representava que estavam excommungadas, sendo nullas as suas profissões, não podendo, portanto, terem paz interior.*

Estes novos escrupulos eram fundados em determinarem os breves apostolicos que as fundadoras tivessem quarenta annos de edade, e vinte de habito, condições que n'ellas se não davam, mas que, devemos suppor, conheciam antes de haverem sahido do convento da Esperança.

Seja como fôr, a rainha que as egualava, senão tambem as excedia em volubilidade, fundada na repugnancia das duas conversas para a sua nova vida, escreveu á prioreza, que, depois de se aconselhar com o vigario geral da ordem, e intervindo o embaixador de França, annuiu a que as duas timoratas voltassem para o seu primitivo convento. Escreveram ellas então uma carta á rainha, assignada em commum, em que se deixa claramente perceber um dos enunciados d'este capitulo, isto é, que por detraz das duas desencaminhadas andava conselho de padre, e de padre mestre n'estas tricas de interpretar breves e bullas apostolicas.

Soror Guiomar e soror Ignez saíram do convento chorando copiosas lagrimas, com que, diz o malicioso chronista, *muitas vezes se desculpam ou se disfarçam os erros*, dando além das já expostas razões de consciencia, outra não menos solida, a de estarem alli *mais sepultadas do que vivas*, e a madre prioreza que era inclinada para o sobrenatural, ficou convencida, *que toda esta machina fôra inventada pelo diabo para perturbação de todos*, e com esta opinião se deixou ficar em paz, á espera dos acontecimentos, que parece deveram ter aqui fim, illusão dos leitores de chronicas de freiras, e dos romances interminaveis de Ponson du Terrail.

Apenas restituidas ao seu antigo convento, recomeçam as correspondencias epistolares entre as duas companheiras e a prioreza que acabavam de abandonar, quebrando o silencio soror Guiomar, com uma carta, e a sua satelyte soror Ignez, com tres, em que põe a descoberto o seu amoravel coração.

D'estas luctas interiores das duas amigas tinha resultado a doença de que se queixa soror Guiomar, e que tambem nunca abandonava a sentimental Ignez, que veiu a morrer muito antes da sua guia e conselheira.

Em uma das cartas de soror Ignez para a madre Maria de Santo Aleixo lê-se: *Torno a pedir lhes humildemente perdão, e rogo lhes mui especialmente se não esqueçam nunca de mim, porque as amo; e quando esta razão não bastasse, a caridade de Deus as obriga a isso.*

E depois: *Vossa reverencia me diz, que me busca por todo o Hospicio, mas em vão, e que chamando-me lhe não respondo. Digo-lhe que me não procure mais, porque está dentro do meu coração.*

Sinto não poder transcrever como esta belissima

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 270)

XXIX

A sentença e a execução

Gabriel Pereira de Castro, cumpriu a sua palavra.

Effectivamente um anno depois, a 31 de janeiro de 1631, a uma sexta feira, foi publicada a sentença que condemnava Solis como auctor do desacato de Santa Engracia.

Dois juizes votaram que não morresse. Foram elles Francisco Lopes de Barros e Diogo Lobo Pereira; mas Lopes na segunda que se proferiu sobre os embargos, seguiu os demais. Gabriel Pereira de Castro vencera com o prestigio da sua auctoridade, do seu valimento, a manifesta repugnancia dos collegas em se associarem á tenebrosa vingança.

Os amores de Solis com a freira de Santa Clara, eram já bem publicos e notorios; não faltando logo quem a elles attribuisse aquelles rigores da sentença, acolhida em geral com desfavor da opinião. Pereira de Castro, é que havia sido o juiz relator.

O conde de Basto, D. Diogo de Castro, na sua qualidade de vice-rei do reino, assistiu pessoalmente no tribunal, presidindo aos juizes:

Quando Pereira de Castro ia lavrar a sentença que havia de ser tambem a da sua condemnação, o conde disse estas palavras:

— Lembro a honra de Deus e a honra d'este homem.

Isto foi dito antes dos juizes votarem. Conhecida a votação, a sua bocca nunca mais proferiu palavra; sómente quando Pereira de Castro, lendo o processo, se embaraçou a ponto de não atinar com o que dizia, é que lhe perguntou:

— Inda não sabe ler?

O advogado do réo era o dr. André Rodrigues da Cunha, seu amigo dedicadissimo, que pouco tempo lhe sobreviveu.

Pediu em nome do seu constituinte que fossem os autos remettidos ao Santo Officio; era o unico recurso para o qual lhe restava appellar, a fim de ganhar tempo e addiar o terrivel e fatal desenlace d'esta tragedia.

Foram ahi examinados, declarando se não haver n'elles cousa que pertencesse aquelle tribunal.

No sabbado, baixaram os autos á relação e mandou-se dar execução á sentença.

Era horrivel!

O desgraçado teria de ser com baraço e pregão, arrastado pelas ruas até o logar do supplicio, o Campo de Santa Clara, onde estava a egreja de Santa Engracia; ahi, ser-lhes-iam decepadas ambas as mãos e queimadas á sua vista; depois collocado em um mastro alto, para que de todos os pontos fosse bem disfructado este cruel e repugnante espectaculo, seria queimado vivo!

Na realidade era o requinte da preversão humana.

Esta sentença infame, escorre sangue por todas as lettras, como muito bem disse d'ella o sr. Ribeiro Guimarães no seu curioso *Annuario de varia historia*.

Ella é digna em tudo da mão que a firmou, mão vendida aos interesses de Castella, assalariada pelo estrangeiro que nos escravisava.

Segundo o estylo seguido, a execução devia effectuar-se no dia immediato, mas sendo santificado esse dia, accordou-se que ficasse para segunda feira; em toda essa noite de domingo trabalhou-se activamente desde a meia noite até ao pôr do sol, por não se dever trabalhar em dia santificado, a fim de levantar o patibulo, e dispôr o sinistro *mise-en-scène* da tragedia que ia dar-se em espectaculo ao povo de Lisboa.

O martellar compassado e monotono dos artifices, era levado pelos echos surdos da noite, ao mais recondito das cellas do Convento de Santa Clara, onde as esposas de Christo aguardavam o desenlace do drama, cuja acção principal, se passára a occultas debaixo das sombrias abobadas d'aquelles extensos claustros da casa de Deus.

Ahi viviam tres irmãs de Solis: Helena da Columna, Brites d'Assumpção, e Leonor do Rosario.

Helena da Columna era religiosa de vida exemplar, condemnára tenazmente a criminosa inclinação de Solis pela freira Soror e quasi prophetisára a esses amores o tremendo desenlace que lhes havia de pôr termo; em todo essa dia e noite, ellas, não cessaram de se entregarem juntas aos exercicios espirituaes de sua devoção.

Nem lhes restava outro desafogo do que aquelle conforto espiritual de appellar para Deus. Helena fôra das tres irmãs a que maior conformação mostrára n'esses lances de angustia. Brites de Assumpção de chorar, estava quasi cega.

Quando echoaram as primeiras martelladas sinistras, a triste ergueu-se do genuflexorio, foi á janella, e, ao baterem-lhe no rosto os vermelhos clarões dos archotes, de que se serviam os artifices na sua funebre tarefa, arrancou lá de dentro um grito esphacelador, e com esse grito dilacerante, intraduzivel, se lhe foi para sempre a luz da razão.

Taes foram as vesperas do terrivel supplicio.

Em 1834, existia ainda no Campo de Santa Clara, uma cruz de pedra, a qual indicava o logar do supplicio de Solis; ahi n'esse logar devorado pelas chammas desappareceu para sempre o segredo d'esses amores clandestinos. Punha-se o tenebroso epilogo á tragica historia de um crime monstruoso, qual é por certo o supplicio de um innocente, assim o proclamava a voz do povo.

Na sua opinião e na simplicidade da sua boa fé, elle affirmava que Solis, não padecia pelo facto do desacato, mas pelo dos seus precedentes libertinos.

Leite Bastos.

(Continúa)

carta, que tem equivalentes nas da *Religiosa Portugueza* ou em algumas das penitentes de Port-Royal, mas nenhuma que se lhe avantage em doçura e suavidade de estylo.

Quasi ao terminar esta carta, diz ella ainda: *Não era necessario que vossa reverencia nos mandasse toda a nossa roupa, que era de tão pouca substancia; mas vossa reverencia não quiz que cousa nossa ficasse n'essa casa; porém saiba que não tem o poder que basta para deitar fóra d'ella o meu coração, nem os meus pensamentos, que são poucas as vezes que ouço tocar o seu sino, que os meus olhos não testemunhem o que se passa dentro do meu coração.*

A estas santas intenções, e bons affectos de soror Ignez, correspondiam os aleives e os mechericos de pessoas interessadas em cavar funda desintelligencia entre as duas profugas do convento das capuchinhas, e onde de novo desejavam entrar! e a madre Maria de Santo Aleixo, que se queixava das hostilidades das suas antigas subordinadas, como se deprehende de alguns periodos de outra carta de soror Ignez, em que depois de negar as palavras que se lhe attribuem, diz *que foi ella quem n'aquella casa não serviu senão para fazer mal e dar desgostos;* e continúa: *Isto e outras cousas semelhantes é o que eu publico n'este convento, e aos seculares com quem fallo; e se ha alguem que diga o contrario, me deve restituição, porque me levanta um falso testemunho.*

E mais: *Fallo-lhe minha senhora com o coração aberto, e se quizer que eu o jure, eu o farei com toda a verdade, para que vossa reverencia não duvide do que lhe digo.*

Não contente ainda com tanto se rebaixar, a filha do poderoso general não hesita em confessar que a sua sahida das Capuchinhas foi n'ella *falta de juizo*, e conclue: *Deus perdoe a quem nos tirou d'esse lugar; a magua que temos d'isso é excessiva, e as lagrimas que choramos testemunham as nossas amarguras. Espero sempre que Deus nos restituirá, e fará gosar do que desejamos.*

Gozar! Custa a perceber como esta, e outras mulheres não menos nobilitadas no seculo, taes como as filhas dos condes de Sarzedas e dos Arcos, ambas fugissem das casas paternas para tomarem o veu no convento das Capuchinhas, de que já atraz indicámos a rigorosa disciplina!

Quanto ás duas freiras de quem tenho narrado as vidas romanescas e agitadas, uma, soror Guiomar, tentou ainda, por intercessão da rainha, voltar para o convento do Santo Crucifixo, já a esse tempo recomposto com novas irmãs professas, vindas de França. Juntas as freiras em capitulo, e sendo cinco as votantes, resolveram por tres votos, contra dois, a não admissão da inconstante e voluvel pretendente, vindo esta a morrer no seu primitivo convento a 2 de outubro de 1715.

Pelo que respeita á sympathica soror Ignez Maria da Conceição, ignoro a data do seu fallecimento, mas affirmo que se n'este mundo se expiam peccados, ella remiu os seus com muitas lagrimas e grandes tempestades de coração, agora acalmadas pela fé, logo reacendidas ao sopro das duvidas e das hesitações mundanas!

L. A. Palmeirim.

TUMULO DO PINTOR ANNUNCIAÇÃO
PARA ONDE FORAM TRASLADADOS OS SEUS RESTOS, EM 25 DE JUNHO 1886
(Desenho do natural por J. R. Christino)

RESENHA NOTICIOSA

MACHINA DE SOMMAR. O sr. Antonio Julio Rodrigues de Azevedo Coutinho, da Povoa de Lanhoso, inventou uma nova machina de sommar de que nos dizem maravilhas. Com esta mesma machina tambem se obteem multiplicações, com extrema facilidade e exactidão.

MINAS DE OURO E DE BRILHANTES. O sr. José Maria dos Santos e Silva descobriu na freguezia de Salvaterra do Extremo, quatro minas de ouro. Noticias recebidas de Lourenço Marques referem que foi ali descoberta uma mina de brilhantes.

CAMINHO DE FERRO DE AMBACA. A subscripção publica aberta em differentes praças para o caminho de ferro de Ambaca, foi largamente coberta, especialmente em Londres.

CLUB GYMNASTICO DE LISBOA. Realisou no dia 28 do mez findo um explendido sarau, para festejar o quarto anniversario da sua inauguração o Club Gymnastico de Lisboa. Foi uma festa brilhante em que grande parte dos socios exhibiram trabalhos admiraveis, e a que concorreram muitos convidados. Agradecemos a amabilidade do convite que recebemos.

CARDEAL PATRIARCHA. Regressou a Lisboa da sua viagem a Roma o sr. Cardeal Patriarcha. Sua eminencia chegou no dia 29 do mez findo, dando entrada na cidade no dia seguinte, sendo recebido pelas auctoridades ecclesiasticas, outros funccionarios, camara municipal, etc. N'esse dia cantou solemne *Te-Deum* na Sé Patriarchal em acção de graças pelo seu regresso. O sr. patriarcha foi a Roma receber o chapeu cardinalicio e foi alli acolhido com todas as attenções devidas ao seu alto cargo, recebendo de S. S. Leão XIII as provas de maior estima e consideração.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Imitação de Christo, traduzida do latim por Xavier da Cunha *Carvalho & Pons, editores. Lisboa.* Raras vezes falamos de prospectos, porque raras vezes elles merecem menção, tanto pela importancia da obra que annunciam, como pela execução typographica. Este, porém, sahe fóra da regra geral; e, se a obra que annuncia é importante, não menos importante é o especimen typographico que a precede, deixando-nos desde já antever que a edição da *Imitação de Christo* que os srs. Carvalho & Pons vão fazer, é uma verdadeira edição de luxo, que vem marcar um progresso real e pratico, sem reclamos adjectivados, impondo-se por si, e dando-nos a alegria intima que sentimos ao vermos um trabalho perfeito que nos satisfaz completamente. O prospecto da obra mostra-nos que ella será impressa a tres côres e que as suas paginas serão guarnecidas de vinhetas de combinação formando moldura com tal arte e gosto, como ainda não vimos em edição portugueza; e o que mais deve surprehender é que este primor typographico é impresso em prelo mechanico, demonstrando d'este modo o quanto é erronio o preconceito, que ha na typographia portugueza, de que os prelos mechanicos só servem para impressões ordinarias ou que pelo menos não exijam um acabamento luxuoso. Com respeito á importancia litteraria da obra, bastará dizer que é um dos mais formosos classicos que a litteratura mystica da edade-media legou á posteridade, e que nenhuma outra no genero se avantaja na sublimidade da concepção e do sentimento; que tem sido traduzida em todas as linguas cultas, e que em portuguez tem tido successivas edições desde o seculo XV; que a edição que se faz agora é traduzida especialmente pelo sr. dr. Xavier da Cunha, com a competencia provada em todos os seus trabalhos litterarios. A edição constará de 15 fasciculos de 24 paginas, havendo exemplares em pergaminho a 13$500 cada fasciculo, em papel Japão a 4$500, e em papel velino-crème a 500. As assignaturas recebem-se na Praça dos Restauradores, 51, Lisboa.

Aventuras do capitão Hatteras, por Julio Verne, traducção de Henrique de Macedo, David Corazzi editor, Lisboa. É o 4.º vol. da collecção das *Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos*, que o sr. Corazzi está reeditando com verdadeiro exito, em uma edição economica ao alcance de todas as bolsas. Cada volume 200 réis.

Revista de Bellas-Artes, *periodico quinzenal illustrado*. Barcelona. Esta revista publíca, além de gravuras reproducções de obras d'arte, artigos de bastante interesse sob o ponto de vista artistico, dando conta do movimento artistico e litterario de Hespanha.

Historia da revolução portugueza de 1820, por José d'Arriaga, Lopes & C.ª editores, Porto. Já tivemos occasião de nos referirmos a esta obra com o louvor que ella merece, como historia de uma epocha excepcional na vida ao nosso paiz, e que estava reclamando um livro especial que a tratasse. Por essa mesma occasião tambem manifestamos o nosso desagrado pelos retratos que então nos apresentava o fasciculo specimen, inconveniente que folgamos de vêr destruido com a publicação dos retratos que acompanham o 1.º fasciculo, os quaes são muito superiores áquelles. Por isto se vê o empenho em que os srs. Lopes & C.ª estão de fazerem uma edição a todos os respeitos importante e digna de louvor.

Melhoramentos de Lisboa, por Miguel Carlos Correia Paes. Lisboa, Typographia Universal. Opusculo de 18 paginas e duas estampas, planta e perfis da Avenida da Liberdade. O sr. Miguel Paes deu a este opusculo o sob titulo de *Engrandecimento da Avenida da Liberdade*, para o qual tomou por base uma noticia publicada n'esta secção em o n.º 249, accusando o recebimento do 1.º opusculo que s. ex.ª publicou áquelle respeito. Nunca suppozemos que essa noticia levantasse uma questão sobre o embellezamento da Avenida, tal é a humildade da nossa opinião, embora firme. N'este opusculo procura o sr. Miguel Paes demonstrar e fazer pervalecer a sua auctorisada opinião sobre o assumpto, e não seremos nós que lhe vamos contrariar esse proposito pela simples razão de que contrariado já s. ex.ª deve estar por a Avenida ficar como primeiro se traçou, apesar dos bons desejos do sr. Miguel Paes em querer que ella se prolongasse até á Penitenciaria, com o que nós não concordavamos.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.